



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 20 de fevereiro de 2025

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo R\$ 1.518	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,95% São Paulo	124.389 14/2 17/2 18/2 19/2	R\$ 5,7267 (+ 0,66%)		R\$ 5,9700	13,15%	13,41%	Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39 Dezembro/2024 0,52 Janeiro/2025 0,16

CONJUNTURA

Analistas avaliam impactos da queda na popularidade do governo Lula e da denúncia contra o ex-presidente Bolsonaro. Mercado espera volatilidade cambial, ajuste nas taxas de juros e mudanças na percepção de risco sobre a economia

Inflação e dólar sob influência da política

» RAFAELA GONÇALVES

A queda na popularidade do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e as denúncias contra o ex-presidente Jair Bolsonaro configuraram um cenário de incerteza política que pode ter impacto direto no mercado financeiro. Analistas avaliam que essa conjuntura pode acabar pressionando ainda mais a inflação no país, e consequentemente os juros. Além disso, é esperada uma maior volatilidade no câmbio e na Bolsa.

A mais recente pesquisa realizada pelo Datafolha, divulgada na última sexta-feira, aponta que só 24% dos eleitores brasileiros aprovam o governo Lula, enquanto 41% reprovam a gestão. Esse é o pior nível de aprovação em todos os três mandatos do petista como presidente, e a reprovação também é recorde. Dos entrevistados, 32% avaliam o governo como regular, e 2% não souberam ou não responderam.

A inflação de alimentos, sobretudo dos itens de primeira necessidade, é a protagonista de um início de ano desafiador para o governo. De acordo com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), o grupo alimentação e bebidas subiu 0,96% só no mês de janeiro, representando assim impacto de 0,21 ponto porcentual na inflação do mês.

“O ponto é que atualmente, mediante falas equivocadas e decisões, digamos, não bem tomadas, a credibilidade do governo Lula está abalada”, destaca o educador financeiro João Victorino. “É óbvio que o aumento do dólar piora toda a situação de perda de poder de compra para a população, onde os juros e taxas estão altas. Esse cenário aumenta a inflação e o povo acaba sendo o maior prejudicado, tendo que lidar com preços exorbitantes em áreas tão essenciais como a alimentação”, complementou.

A polarização política também ganhou uma variável com a recente denúncia da Procuradoria-Geral da República (PGR) contra o ex-presidente Jair Bolsonaro no

Ricardo Stuckert/PR



Manifestação na Praça dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2025: problema fiscal e polarização em Brasília entram no radar econômico



Um ambiente de maior previsibilidade fiscal e política, independentemente do vencedor, será determinante para o crescimento econômico sustentável.”

Pedro Ros, CEO da Referência Capital

inquérito que investiga a tentativa de golpe de Estado. “A queda na popularidade do presidente Lula, somada às denúncias contra Bolsonaro e sua inelegibilidade, adiciona um fator de incerteza relevante ao cenário político e econômico brasileiro”, destaca Pedro

Ros, CEO da Referência Capital.

Segundo ele, essa combinação adiciona um fator de incerteza relevante ao cenário político e econômico brasileiro. “O mercado precifica com antecedência os riscos políticos, e essa instabilidade pode gerar volatilidade cambial, ajustes nas taxas de juros e mudanças na percepção de risco sobre o Brasil”, alerta.

No curto prazo, Ros avalia que a indefinição política pode levar a um comportamento mais conservador do setor produtivo, reduzindo investimentos e retardando decisões estratégicas. “No entanto, um ambiente de maior previsibilidade fiscal e política, independentemente do vencedor, será determinante para o crescimento econômico sustentável”, diz

De acordo com Carlos Braga Monteiro, CEO do Grupo Studio, as duas situações podem ter impacto no mercado, já que a redução do apoio popular dificulta a articulação política do governo,

afetando a aprovação de reformas e políticas econômicas. A ausência de Bolsonaro no cenário eleitoral de 2026, por sua vez, pode fragmentar a base conservadora aumentando a volatilidade eleitoral. “Esse contexto gera cautela nos investidores, refletindo-se em oscilações cambiais e prêmios de risco elevados”, avalia.

Populismo x fiscal

Para Volnei Eyang, CEO da gestora Multiplike, a queda na popularidade do presidente Lula pode dar espaço a um aumento de medidas populistas para tentar reverter esse cenário, que podem resultar em um “desajuste fiscal mais significativo”.

“No curto prazo, é possível que a economia apresente um desempenho positivo, com o PIB (Produto Interno Bruto) de 2026 projetado para crescer cerca de 2%, o que não é um resultado ruim. Além disso, no começo do ano, parece

que a inflação começou a ser controlada, e os últimos dados indicam uma contração econômica”, destaca. “No entanto, a queda na popularidade de Lula pode levar a uma série de medidas populistas que priorizem o curto-prazismo, em detrimento da responsabilidade fiscal”, pondera.

A nova denúncia contra Bolsonaro, somada à sua inelegibilidade até 2030 e à queda de popularidade de Lula, redefine o cenário político para 2026, afirma Paulo Merotti, sócio da Equus Capital. “Cresce a incerteza sobre a continuidade da tradicional polarização política dos últimos anos, abrindo espaço para novos atores e protagonistas do cenário político nacional”, projeta. “Nos mercados, a instabilidade política tem aumentado a volatilidade no câmbio e na bolsa, com o real atingindo mínimas históricas diante do dólar, apesar da tímida recuperação nas últimas semanas”, acrescenta.

Dólar volta a ficar acima de R\$ 5,70

Em um dia de agenda econômica esvaziada, o dólar voltou ao patamar acima dos R\$5,70, em meio a imposição de novas tarifas sobre importações pelos Estados Unidos. (Leia mais na página 8) Após registrar na véspera a menor cotação de encerramento do ano, a divisa norte-americana encerrou a quarta-feira com uma alta de 0,65%, cotada a R\$5,7258.

Na terça-feira, a moeda havia valorizado em R\$ 5,69, menor valor desde 7 de novembro de 2024. Sem grandes repercussões sobre o cenário doméstico, o Ibovespa, principal índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3) encerrou o pregão em queda de 0,95%, aos 127.309 pontos.

Segundo o economista Fabrício Silvestre, da Levante Corp, a questão tarifária tem impacto no comportamento da moeda. “Todas essas medidas tendem a fortalecer um pouco o dólar em relação a outras moedas, em especial moedas emergentes, principalmente econômicas, impactadas por essas tarifas”, avaliou Silvestre.

Os investidores repercutiram ainda a divulgação da ata da última reunião do Comitê Federal de Mercado Aberto (FOMC, na sigla em inglês) do Federal Reserve (Fed), realizada em janeiro. A autoridade monetária revelou um tom mais conservador e demonstrou preocupação com a política tarifária de Trump.

Os membros do colegiado decidiram, por unanimidade, manter os juros inalterados e destacaram as incertezas geradas pelas políticas comerciais e migratórias do governo como fatores de pressão inflacionária.

Investimentos

Esse cenário na economia norte-americana tem potencial para afetar o Brasil. “A ata do FOMC indica uma postura cautelosa do Fed, com a manutenção dos juros entre 4,25% e 4,50% devido aos riscos inflacionários, especialmente pelos efeitos das tarifas comerciais. Para o Brasil, isso deve manter o dólar forte, aumentar a volatilidade cambial e dificultar a atração de investimentos estrangeiros, afetando o mercado de crédito e a recuperação econômica”, destacou André Matos, CEO da MA7 negócios. Entre analistas do mercado, há expectativa de uma atuação do Banco Central para reverter esse efeitos negativos na economia.

Para Rodrigo Moliterno, head de renda variável da Veedha Investimentos, a queda acentuada do Ibovespa também faz parte de um movimento de realização, após altas recentes. “Fomos na contramão dos mercados, depois de alguns dias de forte alta, então a gente pode entender assim como um dia de realização em virtude do forte movimento que tivemos”, comentou. (RG)

Preço dos ovos deve seguir pressionado

Destaque entre as altas dos alimentos na inflação nos primeiros meses do ano, o preço dos ovos deve seguir pressionado nos próximos meses. É o que aponta a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), que estima uma redução no valor apenas em abril, após o período religioso da Quaresma.

A inflação dos preços de aves e ovos subiu 1,69% em janeiro, de acordo com números do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA). No acumulado de 12 meses, o produto acumula uma alta de 7,84%.

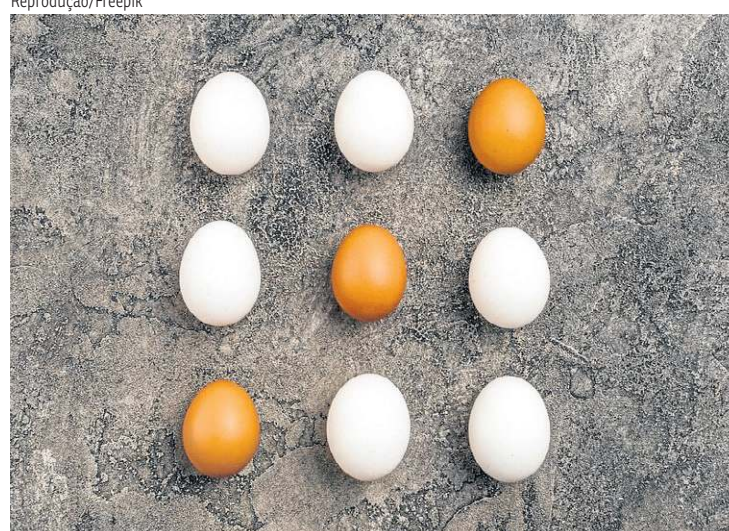
De acordo com a associação, a valorização dos ovos se intensificou desde a segunda quinzena de janeiro por uma combinação de fatores. Entre eles, muitos consumidores têm recorrido aos ovos de galinha para driblar as carnes mais caras.

A ABPA destaca ainda que o acréscimo no valor é uma “situação sazonal”, comum para o período pré e durante a quaresma. “Após longo período com preços em baixa, a comercialização de ovos aqueceu pela demanda natural da época, quando há substituição de consumo de carnes vermelhas por proteínas brancas e por ovos”, explica a entidade.

O preço dos ovos não disparou apenas no Brasil, registrando preços recordes também nos Estados Unidos. Se para os norte-americanos a alta está ligada à gripe aviária, no âmbito doméstico, entre outros motivos apontados para a elevação dos preços, está um aumento no custo de produção.

A ração das galinhas, composta principalmente por milho e soja, está mais cara, o que

Reprodução/Freepik



Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal, preços só devem recuar em abril: alta de 7,84% nos últimos 12 meses

historicamente altos, também afetam diretamente a produtividade das aves. A dúzia de ovos, que custava cerca de R\$ 15 no fim de 2024, já é vendida por até R\$ 21 em alguns supermercados.

Para os americanos, o preço da dúzia de ovos atingiu a marca histórica de US\$ 12 (R\$ 60). O motivo é o surto de gripe aviária (H5N1) que atingiu as granjas americanas, levando ao sacrifício de milhões de galinhas poedeiras. A oferta de ovos diminuiu drasticamente, impulsionando os preços para cima. (RG)

aumenta os custos de produção e, consequentemente, o preço final do ovo. De acordo com a associação, houve uma elevação de 30% no preço do milho e ainda

um incremento de mais de 100% nos custos de insumos de embalagens nos últimos oito meses.

Além disso, as temperaturas do verão brasileiro, em níveis